

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês

Assinaturas

Continente e Ilhas 2400
 Ultramar 2900 e 6000
 Estrangeiro 4000 e 9000
 (Séries de 12 números)
 Pagamento adiantado

NOTA:

Consideramos assinante quem ao receber o 3.º exemplar enviado, o não devolver, gentileza que muito nos desvaneca.

A R E G E N E R A Ç Ã O

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo AVENÇA

Propriedade de: **Dr. Alberto Teixeira Forte**
 Composto e impresso na *Tipografia Figueirense*

Director e Editor
Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu
 Figueiró dos Vinhos

A Imprensa Regional E A SUA FORÇA!!!

175 668 330 exemplares anuais
 3378 230 exemplares semanais

Tem-se geralmente em pouca conta a força que a chamada pequena Imprensa representa, através das muitas dezenas de periódicos que se publicam por esse país fora e em que a Imprensa Regional ocupa lugar de indiscutível relevância.

De facto, se atentarmos no significado que pode extrair-se dos números que acima se indicam, bem se pode concluir que o pequeno jornal que semanalmente o correio nos traz, com as notícias, os problemas, os anseios, etc., da nossa região, consubstancia um poder traduzido em cerca de 60 milhões de escudos de vendas anuais em todo o país.

Estes números que naturalmente impressionam pela sua grandeza, são tão reais, como real é a importância do papel que a Imprensa Regional desempenha na defesa de interesses locais e que, no conjunto, constituem a defesa do próprio património social, político e económico da Nação.

Por outro lado, o poder de penetração que a Imprensa Regional exerce, torna-a um dos mais preciosos meios de propaganda daqueles bons e pode constituir também, quando devidamente aproveitada e estimulada, um dos mais objectivos veículos de que a publicidade comercial pode dispor. Ocorre aqui perguntar que resultados poderiam obter-se de uma bem desenvolvida campanha de publicidade, distribuída pelos milhões de exemplares que semanalmente a Imprensa Regional e Periódica faz chegar aos seus dedicados leitores, sabendo-se que o custo dessa publicidade é relativamente baixo (o mais baixo de todos os veículos publicitários que hoje se utilizam) e que o seu público lhe dedica

um género de leitura que chega a ser absorvente e bem diferente daquela que os grandes jornais suscita?

Parece pois que chegou a hora de se conceder à Imprensa Regional e Periódica a atenção que ela bem merece e de fazer compreender às grandes empresas, empenhadas em desenvolver, à escala nacional, as suas campanhas de publicidade, que tem ao seu dispor um meio económico e francamente rentável de colocar os seus produtos em todos os mercados, mormente nos da província onde o poder de compra é uma realidade quase sempre esquecida.

Ainda recentemente e a reforçar o ponto de vista que vimos defendendo o «Diário da Manhã» referindo-se a um encontro de representantes da Imprensa Regional, teceu as seguintes considerações, antes de se referir ao significado dos números com que epigramamos as presentes notas:

... «o que mais fortemente se arreigou no nosso espírito foi verificar o carinho, a determinação com que um punhado de homens neste País se dedica de alma e coração a servir uma causa que nem sempre é compreendida com a justiça que merece e cuja alta importância, social, moral, política até económica, nunca é demais enaltecer. Se a defesa dos interesses regionais muito deve à Imprensa Periódica, aos pequenos jornais de âmbito restrito, não é menos verdade que através deles se exerce junto das populações uma acção eminentemente patriótica de educação cívica, de divulgação cultural, de formação política e de consciencialização quanto

Continuação na 4.ª página

Bombeiros Voluntários Comando

Em virtude de passar a exercer a sua actividade profissional em Leiria, apresentou o seu pedido de exoneração do cargo de Comandante dos Bombeiros Voluntários desta vila o sr. Manuel da Silva Pereira Roda que durante alguns anos dedicou o melhor do seu esforço à estruturação e direcção da Corporação que, arrancada do nada, chegou a atingir um nível a todos os títulos desejável.

Justo, pois, o louvor de que a Direcção fez acompanhar a aceitação do pedido de resignação de tão dedicado obreiro da Corporação.

Para o cargo de Comandante dos B. V. foi convidado o actual instrutor, sr. Júlio Marques da Silva, funcionário da Barragem da Bouça, esperando-se, apenas, a sanção das entidades competentes para que a nomeação se efective.

Aspirações

Sabemos que a principal aspiração que, neste momento, preocupa a Direcção dos B. V. é a aquisição dum carro de neveiro cuja falta nunca é demais enaltecer.

Esperamos que com a boa-vontade de todos e a imprescindível ajuda das entidades oficiais, em breve seja possível concretizar tão caro e justo anseio.

Corpo Activo

Prossegue o movimento de rejuvenescimento da Corporação, através do recrutamento de novos elementos que já se contam por algumas dezenas.

Oxalá o entusiasmo cresça cada vez mais... e a aplicação também!

Confraternização

Vai realizar-se o tradicional jantar de confraternização da Direcção e Corpo Activo.

Este ano, uma inovação: parece que os Bombeiros desejam ter a seu lado a Imprensa.

Gesto simpático, sem dúvida, se bem que os jornais, tal como os bombeiros, tudo fazem sem esperar recompensa.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Relatório e Contas do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Chegou até nós mais um Relatório do B. E. S. C. L. este, referente ao exercício de 1967, trabalho circunstanciado e conciso do que foi a crescente actividade e expansão daquela importante instituição de crédito que honra a nossa vila com uma das suas mais antigas agências.

Antecede a apresentação das Contas do Banco numa análise da conjuntura económico-financeira que atravessamos da qual destacamos o seguinte passo:

«Os Capitais que saíam dos Bancos Comerciais para o mercado financeiro têm uma missão económica e social a cumprir. Eles voltarão novamente para a Banca Comercial, depois de terem sido utilizados na forma devida e de terem cumprido aquela missão. Não podemos lamen-

tar a falta de capitais para financiamentos a médio e longo prazos e ao mesmo tempo lamentar a sua saída para esse efeito.

Por Decreto-Lei n.º 47 912 e Portaria n.º 22 876, de 7 de Setembro de 1967, foram fixadas novas taxas de juro tanto para os depósitos bancários como para as operações de crédito.

Interessa ao País, aos estabelecimentos de crédito e aos próprios depositantes, pela primeira vez também responsáveis em termos muito definidos pelas infracções que se cometam, que as taxas de juro estabelecidas sejam escrupulosamente respeitadas.

Ao Ministério das Finanças, pela Inspecção-Geral de Crédito e Seguros e Direcção-Geral das

Continua na 4.ª página

D. Palmira Alves Diniz Ferreira

Se bem que o seu estado de saúde inspirasse, de há tempos a esta parte, sérias apreensões, causou a mais viva consternação a notícia de falecimento, na sua residência desta vila, dia 19, da Ex.ª Sr. D. Palmira Alves Diniz Ferreira, esposa dedicada do nosso prezado amigo e conceituado comerciante e proprietário, Sr. Francisco Rodrigues Ferreira.

A bondosa senhora, que além de indelével saudade entre os seus familiares, deixa entre os humildes, habituados à sua generosidade, num lugar difícil de preencher, era mãe muito extremosa do sr. Mário Diniz Ferreira, armazénista em Lisboa, casado com a Ex.ª Sr. D. Maria Adélia Lourenço Alves Diniz Ferreira; e avó da menina Maria Adélia Alves Diniz Ferreira.

Era irmã do falecido e saudoso Dr. João Diniz de Carvalho e cunhada das Ex.ªs Sras. D. Maria de Assunção Nunes Agria Diniz de Carvalho e D. Inês Martins de Carvalho.

No seu funeral realizado no dia seguinte para o cemitério desta vila, incorporaram-se centenas de pessoas de todas as categorias sociais, muitas delas vindas dos mais diversos pontos do País.

«A distinta família enlutada, e em especial, aos seus desolados esposo e filho, apresentamos as mais sentidas condolências,

Subdelegação de Saúde de Figueiró dos Vinhos Boletim de Sanidade

A Subdelegação de Saúde de Figueiró dos Vinhos chama a atenção das pessoas interessadas e que devem possuir o Boletim de Sanidade devidamente actualizado, para os editais já afixados e para as datas neles indicadas. Os boletins de sanidade deverão ser requeridos pela ordem e nos meses seguintes:

Janeiro: Pessoal da indústria de panificação e os que vendem pão caseiro.

Fevereiro: pessoal leiteiro e da indústria de lacticínios.

Março e Abril: pessoal da indústria hoteleira, dos cafés, tabernas, casas de comida, pastelarias, mercearias e vendedores ambulantes de bolos e gelados.

Maior: pessoal das fábricas de refrigerantes, de moagens, da indústria de bolos e bolachas e de depósitos e armazéns de sal.

Junho: pessoal dos matadouros, talhos, salsicharia, peixe, conservas de peixe e carnes, vendedores de fruta e hortaliças.

— Tanto empregados como patrões que intervenham em qualquer das actividades citadas são obrigados a possuírem o Boletim de Sanidade.

O não cumprimento da lei determina a aplicação das multas:

— 100\$00 para o empregado ou pessoa em transgressão.

— 200\$00 para a entidade patronal por cada empregado em transgressão, acrescidos dos adicionais de 25% para o Estado e 25% para o Albergue Distrital.

Estabulação Livre

De há alguns anos para cá, paralelamente ao velho sistema da exploração do gado bovino em vacarias fechadas, está a desenvolver-se cada vez mais a moderna técnica da criação animal em liberdade chamada por conseguinte exploração em regime de habitação livre.

Este sistema é um spelo às leis da natureza a fim de reduzir os custos de produção bovina, melhorando as condições de vida tanto do pessoal responsável como dos próprios animais. Não se trata duma «moda» lançada por um técnico fantasista, mas sim duma experiência imposta pela necessidade de ajudar a resolver de maneira eficaz alguns graves problemas zootécnicos, realizada e experimentada por lavradores progressivos, amadurecida e afinada através duma longa série de tentativas.

Vamos tentar rapidamente dar uma ideia comparativa entre a habitação livre e a permanente. Na primeira, os bovinos, quer leiteiros, quer de engorda, deslocam-se em plena liberdade nos diversos recintos do estábulo a fim de se alimentarem, descansarem, ou ainda passearem no recinto externo anexo.

Na habitação permanente, pelo contrário, cada animal ocupa na vacaria um espaço determinado onde come, bebe, descansa e é mungido sem nunca sair do mesmo local, o que obriga o pessoal a despender mais tempo e energia para atender a todas estas exigências do animal.

Algumas pessoas, se bem que aceitando a validade da habitação livre para os animais de engorda acham este sistema inadequado para os bovinos leiteiros, por temerem uma redução na produção de leite; as inúmeras explorações deste género, no mundo inteiro incluindo as do nosso próprio País (onde os há já em número bastante apreciável desde o Norte ao Alentejo) desmentem categoricamente este receio.

A habitação permanente luta com uma dificuldade cada vez maior de mão de obra qualificada e além disso, os nossos velhos estábulos na sua grande maioria não correspondem às exigências técnicas e sanitárias capazes de proporcionar um bom estado de saúde dos animais. Estas dificuldades, entre outras, vêm reforçar as vantagens da habitação livre que se podem resumir rapidamente em:

1.º — Economia nas despesas de manutenção—devido

ao melhor estado sanitário dos animais e por conseguinte o alongamento da sua carreira produtiva.

2.º — Menores necessidades de trabalho—que se obtêm eliminando o violento esforço de remoção diária do estrume, pois na habitação livre as camas só são retiradas duas a três vezes por ano;

—ordenação mecânica, que torna a mungição muito mais rápida e económica.

— distribuição das forragens directamente ao reboque adequado para as mangedouras.

3.º — Melhoria das condições higiénicas e sanitárias dos animais — desaparecendo rapidamente os perigos da tuberculose bovina, reumatismos, ferimentos nas patas e até os próprios cios são mais facilmente reconhecíveis;

— Os animais crescerão mais sãos, com boa musculatura, apurados robustos e articulações sólidas.

4.º — Melhor qualidade do estrume.

5.º — Redução das despesas de construção—A simplicidade das instalações características deste sistema consente uma grande redução das despesas e um rápido período de amortização.

As partes fundamentais duma habitação livre são:

- a) Área de repouso
- b) Recinto externo ou parque
- c) Área de alimentação

Se a exploração for leiteira poderá incluir ou não a sala de mungição conforme o esquema utilizado; Para bovinos de engorda o sistema é muitíssimo simplificado, sendo a área de repouso na maioria dos casos apenas constituída por uma simples cobertura de material ligeiro (alumínio, fibrocimento, plástico, etc.) que pode eventualmente fechar com fardos de palha do lado dos ventos dominantes de Inverno, e uma área vedada a arame, o parque, onde os bovinos se movimentam livremente. Exteriormente a esta, e a todo o comprimento de um dos lados, existe uma mangedoura onde o gado se vai alimentar livremente.

Muito mais se poderia dizer sobre este assunto de tão grande actualidade e interesse, mas cremos poder resumir estes breves apontamentos, às três vantagens evidentes:

- Estado sanitário do gado
- Economia de mão de obra
- Pequeno investimento na construção.

DA ANÁLISE DE TERRAS

A base dos elevados rendimentos duma cultura é em grande parte assegurada desde que o solo contenha (sob forma assimilável) todos os elementos nutritivos necessários à planta e num nível que permita satisfazer em todos momentos as suas necessidades.

Há pois toda a conveniência na determinação do estado de fertilidade do solo e para isso tem o Agricultor a possibilidade de mandar realizar Análises de Terras.

Estas análises darão através dos respectivos resultados não só a composição do solo nos diferentes elementos nutritivos permitindo assim verificar quais os que se encontram em falta ou deficiência para uma dada cultura, como também nos informarão sobre a respectiva textura e a reacção do solo (ph), fornecendo a partir destes dados no boletim de análise, além dum conselho de adubação para esse solo, uma possível necessidade de correcção do mesmo para determinada cultura.

A análise de terras compreende de três fases:

- Colheita de amostras
- Análise laboratorial
- Interpretação dos resultados

Hoje em dia certas Empresas de adubos realizam a análise laboratorial completamente grátis bastando para isso que o Agricultor lhes envie as amostras do solo em embalagens que serão fornecidas pela Empresa.

As amostras deverão estar devidamente identificadas e como para uma boa interpretação dos resultados são necessárias informações complementares sobre a parcela estudada, como sejam, adubações anteriores, cultura que se pretende efectuar, etc., estas indicações deverão ser dadas com todo o cuidado.

Para o Agricultor apenas interessa a colheita das amostras cuja base está no conceito de campo homogéneo.

O solo a analisar deve ser tanto quanto possível idêntico em todas as parcelas donde se tiram as amostras. Claro que na prática isto não é fácil, mas para tal o Agricultor serve-se da sua experiência e sabe perfeitamente que a cor do terreno e a vegetação espontânea podem revelar diferentes características do solo, assim como a aproximação de árvores, margens de cursos de água, encostas ou outros locais que através dos tempos foram modificando a composição e a natureza do terreno, são outras tantas causas da sua não homogeneidade.

Outro elemento particularmente importante para a correcta colheita das amostras é o tipo de cultura que se pretende executar.

Assim, para os cereais não é em geral necessário ir a uma profundidade maior que uns 20 cm ao passo que para culturas arbustivas e arbóreas já a colheita de amostras terá de ser feita numa forma mais profunda.

Estas e outras normas que são indicadas aos agricultores, devem-nas estes seguir com o maior cuidado, pois que a sua inobservância poderá conduzir a resultados falseados.

Em caso de acidente é preciso evitar o pânico

Continuação da 4.ª página

vam na área da produção quando ouviram a explosão souberam logo a origem da mesma e o que significava. Tratava-se, simplesmente, do rebentamento do collector de vapores da caldeira. No entanto, estes dois encarregados nada fizeram para acalmar o medo dos trabalhadores.

Depois de um incidente, é o encarregado responsável que deve tomar a primeira decisão.

Nos momentos de crise, os seres humanos instintivamente procuram alguém a quem seguir. Como é fácil de compreender, os trabalhadores esperam que o encarregado que está mais perto deles demonstre as suas condições de chefe e encare a situação.

Quando isto não acontece e o encarregado mostra confusão ou apatia, esta atitude é transmitida ao resto dos trabalhadores. A não ser que uma pessoa desembaraçada tome conta do controle da massa, esta pode resultar impossível de manobrar.

Todo o pessoal de chefia deveria ter consigo o que poderíamos chamar «o alfinete para esvaziar o balão do pânico.» Referimo-nos à convicção que deve ter o encarregado de que ele tem de actuar com calma e inteligência, quando se apresenta uma situação como a que descrevemos anteriormente. Arma da desta determinação, quando chegue a ocasião ele poderá afastar e aniquilar qualquer aumento de tensão ou dúvida que se manifeste nos homens sob o seu comando. Bem poderia ser ele o salva-vidas de todos eles.

Imediatamente depois dum acidente ou incidente, a pessoa responsável, se não se encontra incapacitada, deve analisar a situação. Antes de mais nada, verificar a extensão do dano, as lesões e os novos riscos em potencia. Em voz alta e em tom firme, chamar os camaradas e acalmá-los e, depois, decidir o que têm de fazer primeiro. Se tem alguma dúvida em relação à necessidade de evacuar a área, certamente que deve dar a ordem.

Entre os leitores deste artigo poderão estar os que um dia terão que se ver perante uma emergência séria que requerirá coragem, resolução e decisão.

Agora é o momento de analisar-se a si próprio. Estamos preparados?

Terrenos para Construção

Vendem-se em Figueiró dos Vinhos.

Quem pretender dirija-se a Dr. Alberto Teixeira Forte.

A disciplina e a segurança na estrada

Vai ser intensificada a vigilância das autoridades no capítulo do trânsito, disciplina e segurança na estrada.

É um dos capítulos em que, nos últimos anos, se tem processado, intensivamente e à escala nacional, uma campanha de advertência e fiscalização.

E bem se compreende que assim seja. Quando os utentes da estrada se esquecem de que outros também têm os mesmos direitos na utilização das vias públicas, há que lhes lembrar as normas da lei que a todos vinculam, para que o trânsito e o estacionamento ou a paragem de veículos se processem na conformidade da lei, e não por critérios egoístas de quem mais comodamente quer servir os seus interesses esquecendo os alheios.

Chama-se assim particular atenção para o facto da responsabilidade em que incorrem os que conservam na estrada e suas bermas, valetas ou passeios (zona da estrada) mato, estrume, pedras levadas ou quaisquer materiais ou objectos que podem impedir ou embaraçar o trânsito e comprometer a segurança e comodidade dos utentes das vias (Art.º 1 n.º 2 do Cód. da Estrada e Art.º 82 n.º 5 do Estatuto das Estradas das Nacionais).

Igualmente se chama a atenção para a responsabilidade em que incorrem os condutores que param ou estacionam os veículos em contração ao disposto no Art.º 14 do Cód. da Estrada, facto que nesta vila se tem verificado com as carreiras de camionagem, de passageiros e de carga, principalmente em três zonas desta vila: duas situadas defronte das duas centrais de camionagem de carga e a terceira defronte da central da camionagem de passageiros.

Espera-se pois que todos colaborem nesta campanha a bem do país e a bem de Figueiró dos Vinhos.

Peregrinação a Fátima

Integrada no programa comemorativo do cinquentenário das aparições de Fátima e, aproveitando a celebração do aniversário da Jacinta, ocasião em que se realizará a Peregrinação Internacional da Juventude Católica Feminina, a F. N. A. T. organizou uma Peregrinação a Fátima nos próximos dias 12 e 13 de Fevereiro, na qual poderão tomar parte os beneficiários deste Organismo, bem como os seus familiares.

Os lugares ainda disponíveis, poderão ser requisitados na 2.ª Secção — Calçada de Santana, 180 em Lisboa — Telefone 538871

Nitratos de Portugal exportaram nos últimos anos algumas centenas de milhar de toneladas de Nitrolusal, que é hoje uma marca de grande reputação internacional.

Não poupe nos adubos.

Nos prados, a seguir a cada corte, faça uma cobertura com Nitrolusal ou Nitrato de Cálcio.

Não poupe nos Adubos

Assine este Jornal

Maria Amélia dos Santos Alves

Médica

Doenças da boca e dentes

Consultas { 2.ª, 4.ª e Sábados das 9 às 12 horas
5.ª e Sábados das 15 às 18 horas

Telefone 98

Figueiró dos Vinhos

Materiais de Construção

Sempre aos melhores preços

Ferro, Cimento, Cal Hidráulica, *Martingança*, Tubo, de Ferro Galvanizado, Chumbo Grês e Plásticos

Material para casa de banho

Mosaicos, azulejos, Banheiras em Ferro Esmatados Marmorite, Lavatórios, Lava-Louças, Lava-Copos, Lava-Roupas, Torneiras, etc.

FERRAGENS

Cás de Bico e Quadradas, Picaretas, Forquilhas para Pascalho e d'Arame, Grelhas, Cunhas, Carros de Aterro, um completo sortido de Fichas, Fechos, Fechaduras, Pregaria, Redes de Arame, Tintas, O'leos, Vernizes, Telhas, Tejolos e Adubos

Farinhas e UF - Sanders

Material eléctrico

A. Ferreira Leitão

TELEFONE 171

Figueiró dos Vinhos

A. Rasteiro de Campos

Assistente da F. de Medicina

Médico Especialista de Doenças dos Olhos

Consultas às 2.^{as}, 4.^{as} e Sextas-feiras de cada mês no

Hospital de AVELAR

Tipografia Figueiroense

Confiar os seus trabalhos tipográficos a esta casa é ter a certeza de ficar bem servido

Telefone 13

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Mobiladora Tomarense

DE

Fernando Mendes

Sempre grande sortido em Móveis Completas, de todos os estilos, Colchoaria e Móveis avulso aos melhores preços

Os móveis vendidos nesta Casa são entregues em casa da cliente sem qualquer encargo para este

Aven. Torres Pinheiro, 60-62

TELEFONE 33354

TOMAR

SALÃO ROSA

Continua à disposição das suas Ex.^{mas} Clientes.

Filomena Rosa

TELEF. 172

Figueiró dos Vinhos

GRANADA

Drogaria - Perfumaria
Brindes

Utilidades Domésticas

Grande e variado sortido aos melhores preços.

GRANADA

Um estabelecimento moderno que rivaliza com os melhores do País.

Rua Dr. António José d'Almeida
Telef. 185

Figueiró dos Vinhos

VENDEM-SE

Móveis de sala de jantar Henrique 11, de quarto e outros móveis.

Informa: *Farmácia Serra*.

Figueiró dos Vinhos

SINGER

Máquinas de Costura

Aspiradores

Enceradoras

Ferros Eléctricos

Fogões a Gás

Frigoríficos

Máquinas de Escrever

Máquinas de Lavar

Roupa

Máquinas de Tricotar

Panclas de Pressão

Rádios Transistorizados

Assistência Singer

AGENTE

Ernesto Silva Rosalino

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros

Figueiró dos Vinhos

CELESTE

Cabeleireira

Ao dispor de V. Ex.^{ta} na rua da Cadeia em

Figueiró dos Vinhos

ANTÓNIO ANTUNES

Casal da Francisca - GRAÇA

Vende 1660 pinheiros.

Os melhores da região.

O Carro vai a todas as testadas.

Anunciai este Jornal

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa Luzia

DE *A. E. Campos*

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos

TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de Casamentos e Baptizados

Preços especiais

BILHARES

Figueiró dos Vinhos

Stand de Automóveis e Camions

em

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

de

Barreiros (Irmãos), L.^{da}

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN e camiões BARREIROS e DODGE, bem como da famosa marca de Scooters VESPA

Automóveis usados de todas as marcas com garantia

Oficina de reparações em automóveis

Compra, venda e troca de automóveis

Automóveis de Aluguer

Telefone 184

Apartado 12

Agência Central de Contabilidade

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

a cargo de

António da Conceição Campos

Equipada com Técnicos de Contas inscritos na D. G. C. I. e sistema mecanizado

Executa toda a escrita comercial ou industrial

Anibal Pereira Gregório

com

Automóvel de Aluguer

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer ponto do País

Telefone 784

Campelo—Fontão Fundeiro

Carta de Moçambique

Gentes de Lourenço Marques

Pelo Dr. MATOS GOMES

Quando se fala em Lourenço Marques, podem considerar-se duas acepções: a Cidade-Capital da Província e o Distrito Administrativo. A diferença é muito grande não só por isso, mas principalmente quanto às populações disseminadas pelo território. Procuremos concretizar a afirmação com dados objectivos.

Se pensamos apenas na Capital da Província, a cidade de Lourenço Marques em si como núcleo central e os seus subúrbios arrabaldinos característicos com os seus bairros típicos, a cidade do Caniço, o Xamanculo, Xipamanine, Xinhambanine, etc., topamos com as populações mais variadas quanto ao tom da pele e quanto à sua origem, desde o insular atlântico ao insular do indico, até a uma enorme variedade de etnias africanas. Pensemos nestas.

Xinhambanine conserva o seu quê de regional porque alberga principalmente populações de Inhambane que trabalham na Cidade. Nos outros bairros, a mistura é muito grande, a heterogeneidade avoluma-se, as raças africanas misturam-se e confundem-se. Quanto à origem tanto imediata como remota, pode bem dizer-se que estas gentes se estendem a todos os pontos da Província. No entanto, para um observador superficial e dado apenas a distinguir—como o fazia a ignorância pseudocientífica de Livingstone—em relação à cor e ao tom da pele, muito pouco pode significar este enorme aglomerado de gentes: são todos mais ou menos na mesma cor. Portanto, é possível enquadrá-los todos na mesma designação insignificativa: *gente negra*. Porém, o etnólogo e o sociólogo são obrigados a exigir mais de si mesmos em conhecimento das gentes que vêem, estudam e procuram compreender e interpretar dentro do meio em que vivem e convivem.

Na cintura que bordeja a maior parte da periferia de Lourenço Marques, vivem grupos isolados, quase com menos contactos e interesses entre si do que com a população evoluída que habita a parte da Cidade urbanizada, com avenidas, iluminação pública e guarda-nocturno. Aqui, em escritórios, empresas, fábricas, oficinas, repartições do Estado, casas comerciais e casas particulares, todos se irmanam pelo trabalho, à portuguesa. Todos servem um único destino: tratar da própria subsistência como realidade imediata e preparar, cada um no âmbito da sua acção, o futuro de Portugal que é o futuro de todos e cada um de nós, independentemente da tonalidade da nossa cutis, de sermos hebréus, transmontanos, algarvios, ilhéus, macua, landim, m'chope, machangana, etc. Mais: no *café*, no templo onde se reza ou no caminho que se trilha é que nós nos evidenciamos como autenticamente portugueses, sem distinções a não ser as que resultam da superior capacidade ou da preparação intelectual ou técnica em que nos houvermos especializado. Isto é assim desde os corpos e corporações administrativas até ao seio do

Conselho Legislativo ou da própria Assembleia Nacional e pode mesmo notar-se nas nossas missões diplomáticas permanentes ou eventuais no estrangeiro, incluindo a própria O.N.U.

Todavia, Lourenço Marques é mais que uma grande Cidade ao nível das grandes cidades de quem saiba e queira aproveitá-lhe o solo rico e habitado por gentes dotadas de capacidades ainda não completamente valorizadas e aproveitadas em benefício da Pátria e em proveito directo de quem se dê ao afã de rasgar e suar o solo desta terra magnífica.

A quase totalidade do Distrito é habitada por população Ronga ou Vatsonga, gente dotada de personalidade própria, resistente à miscigenação de outros grupos. É uma população que viveu independente noutros tempos, mas que se integrou facilmente na administração nacional, tendo prestado relevantes serviços no final do século passado, quando o estrangeiro inimigo contra nós armava o braço de outras gentes menos dadas à civilização e ao convívio com gentes mais evoluídas. Pode dizer-se que o esforço de pacificação despendido a partir das campanhas de António Enes encontrou como elemento activo e útil este povo amigo e colaborador.

Na zona do Maputo encontram-se minorias Zulú, restos de migrações porventura forçadas fugindo à ferocidade de Chaca durante o primeiro quartel do século XIX. Na área da Namaacha, topamos com uma faixa fronteiriça de população Suázi, em parte voltada para o outro lado da fronteira, mas sempre susceptível de ser devidamente portuguesa quando lhe propiciarmos uma educação e uma cultura verdadeiramente portuguesas e lhe abrimos, em território nacional, os centros de interesse económico e social que por inteiro os solicitem, atraíam e prendam.

É que, muitas vezes, quando as gentes nos voltam as costas não o fazem por desinteresse e muito menos por hostilidade; obedecem a imperativos que nos cumpre estudar, compreender e tomar em conta para sermos eficientes na nossa acção formativa e assimiladora.

Matos Gomes

A Imprensa Regional

Continuação da 1.ª página

aos valores tradicionais das zonas a que pertencem, matérias que por via do seu carácter doutrinário ou local, escapam ou estão fora das atribuições da chamada grande Imprensa.

Tudo isto parece pois, demonstrar a grande positiva realidade que a Imprensa Regional e Periódica representa no panorama dos meios de informação e difusão de que o nosso País dispõe.

Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos

Obras de Reparação

Caro leitor: Se me perguntas quem sou eu, não te direi como S. João Baptista: «sou a voz do que clama no deserto». Não. Porque quero ser ouvido, compreendido, atendido, e no deserto não há vida. Desejo falar-te para me acompanhares à Igreja, e contemplares o templo. E' encantador! gastaram-se com o rebôco e limpeza quarenta e cinco mil escudos. Agora entremos na casa de Deus, e da família paroquial. Olha as duas naves laterais. As madeiras são próprias e duráveis. São de mutene. Vieram das nossas províncias ultramarinas. Repara no estilo. As pessoas que têm o sentimento do belo, admiram-no e fazem-lhe o melhor elogio. Sabes quanto se despendeu nos materiais e mão de obra? Duzentos mil escudos. A Direcção dos Monumentos Nacionais paga metade da despesa e o público a outra parte.

Queres ter conhecimento do quanto já se grangeou? Lê «A Regeneração» e o «Norte do Distrito». Ai encontrarás os nomes dos dadores e os seus donativos. Vê se vens aí também mencionado. Se não fizestes ainda a tua oferta, deves fazê-la.

Precisa-se de muito dinheiro para se continuarem tão grandes, urgentes e necessárias obras.

Segue-se a lista da subscrição.

Lista dos dadores e seus donativos

Peditório feito pelo sr. José Lopes nos lugares de Agris Grande e Pequena, 735\$00.

José da Silva (vila) 100\$00; José Gonçalves Ramos (vila) 100\$00; Dr. Manuel Alves da Piedade (vila) 500\$00; Francisco Ferreira (vila) 250\$00; Manuel Ferreira (vila) 1000\$00; Antero Simões Seguro (vila) 1500\$00; D. Emilia da Conceição A. Mendes (vila) 50\$00; D. Leonor A. Nunes (Colmeal) 20\$00; Adelino Joaquim Coelho (vila) 200\$00; Francisco Pedro 100\$00; D. Amélia Agria (vila) 200\$00; Eng.º António Monilli Paiva 2000\$00; Alberto da Silva N. Nogueira 50\$00; Uma criada anónima 500\$00; D. Ema Sequeira de Carvalho Silva 50\$00; D. Maria do Céu de J. Almeida 50\$00; D. Hermínia Rosa 30\$00; D. Angélica da Conceição Fidalgo 50\$00; Manuel Silva Santos (Colmeal) 50\$00; António da Silva Ferreira (Cabeças) 30\$00; D. Rosa da Graça (Portelão) 20\$00; D. Maria de Jesus (Porto do Douro); 20\$00; José Pereira 50\$00; Anónima 100\$00; D. Matilde das Dores (Laranjeira) 5\$00; José Fidalgo e Irmão 100\$00; António Paiva Martins 1000\$00; Anibal da Conceição Santos 500\$00; D. Rosa Camoegas 50\$00; Horácio Santos de Oliveira (Ribeiro Travesso) 100\$00; D. A'urea Agria 500\$00; João Simões Mendes 100\$00; Alfredo Mendes de Oliveira 80\$00; Artur Mateus 100\$00; Anónimo 300\$00; Dr. Paula Santos 50\$00; Hermenegildo Quaresma Ferreira 1.000\$; José Pedro dos Santos 500\$00; Anónima 500\$00; Juvenal Augusto Mendes.

Total 15 435\$00.

Relatório e Contas do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Continuação da 1.ª página

Contribuições e Impostos ao Banco de Portugal e Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias cabe orientar e garantir a sua observância.

A desvalorização da libra esterlina verificada já quase no final do ano foi um facto da maior repercussão internacional, tendo levado outros países a desvalorizarem também as suas moedas. Os problemas criados afectam também a nossa economia, pois parte importante do comércio externo é feito naquela moeda. Graças à forte posição do escudo, garantida pelas largas reservas em ouro e divisas, pôde, o Governo, decidir a manutenção do valor da nossa moeda. Orientação contrária, traria, além de outras, como consequência imediata, um aumento de custo de vida. A desvalorização da libra acarreta certas dificuldades para alguns sectores da nossa exportação que serão certamente atenuadas por medidas adequadas.

Depois, surge-nos a eloquência das cifras do Balanço, donde respegámos as seguintes:

Depósitos 10 949 494 091\$81

Carteira Comercial
5 768 420 698\$77

Carteira de Títulos e Cupões
739 670 317\$74

Empréstimos e Contas Correntes Cauccionados
1 092 937 875\$34

Capital e reservas
666 119 459\$28

Garantias e Avals Prestados 2 135 488 022\$96

Resultados do exercício
57 768 313\$67

A terminar, resta-nos felicitar o ilustre Conselho de Administração do Banco e envolver na nossa admiração o seu zeloso e dedicado colaborador, Sr. Ruben Furtado, dinâmico gerente da Agência do B. E. S. C. L. em Figueiró dos Vinhos.

Capitão Manuel dos Santos Carvalho

Pela ordem n.º 52, de Dezembro passado, do Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, foi promovido ao posto de capitão o sr. Tenente Manuel dos Santos Carvalho, natural de Campelo (Campelinho), filho da sr.ª D. Palmira da Graça Santos e do sr. João Carvalho, e casado com a sr.ª D. Maria de Lurdes Cotrim Lourenço Carvalho, natural de Figueiró dos Vinhos.

Conforme era de prever, dada a elevada classificação que obteve no curso para oficiais que frequentou, no qual conseguiu o 2.º lugar com a média geral de 15 38 valores, veio logo a ser promovido a Alferes em 22 de Junho de 1962; três anos depois, ou seja, em 22 de Junho de 1965, foi promovido a Tenente; e agora, desde Dezembro, já é Capitão.

Por tão rápida ascensão na sua carreira apresentamos os nossos parabéns ao ilustre oficial, com os votos de também assim bem depressa o poderemos vir felicitar pela sua promoção a Major.

Em caso de acidente é preciso evitar o pânico

A observação de um acidente de viação tem um efeito moderador sobre o condutor que contempla a cena.

O mesmo condutor que dez minutos antes seguia guiando o veículo a velocidade máxima, o mais provável é que dez minutos depois de passar pelo lugar do acidente reduza a velocidade e com as duas mãos sobre o volante continue o seu percurso com maior consciência da observação das regras de segurança.

Há uma reacção psicológica em massa a quase todos os acidentes, que tem características boas e más.

As reacções psicológicas perante os acidentes ou incidentes violentos são muito variadas. Algumas destas reacções são: choque emocional, incredulidade, histeria, pânico. De todas as mencionadas o pânico é a pior, pois trata-se duma reacção violenta e sem razão.

O pânico pode ter consequências desastrosas. Uma prova da que estamos a dizer existe no tragédia que aconteceu no Perú, não há muito tempo, durante um desafio de futebol em que pereceram mais de 200 pessoas. Para escapar do gás lacrimogéneo, que causa só uma incomodidade temporal, a multidão aterrorizada arremessou-se para as portas de saída e em corrida impetuosa, para fugir, atropelando-se uns aos outros, morrendo esmagados sob o peso de milhares de pessoas ou sufocados por falta de oxigénio.

Onde houver agrupamentos de pessoas para trabalhar, jogar, fazer compras, estudar, etc., o pânico está à espreita. Está sempre presente nas fábricas, nas oficinas, à espera do momento crítico para incitar o desastre. O pânico adopta várias formas, pois nem sempre, necessariamente, as pessoas saem a correr aterrorizadas. Vejamos o que pode acontecer num local industrial. Suponhamos que se empregam produtos químicos no seu processo de fabrico. E de manhã cedo o primeiro turno do dia encontra-se já a trabalhar.

De repente produz-se uma explosão numa secção afastada do departamento de fundição. A onda do impacto afecta a área principal de produção. O prédio estremece violentamente e em todo o comprimento dum dos lados do edificio os vidros das janelas caem em bocados à rua. Uma espécie de nevoeiro atmosférico, inofensivo, estende-se dentro do local impedindo parcialmente a visão.

Imediatamente depois da explosão cai sobre o local um silêncio sepulcral que dura quase dez segundos. A seguir começa o murmúrio das centenas de trabalhadores e cada vez as vozes são mais altas.

No meio de tudo isto, alguém principia com um ataque de tosse que é como a chispa que incita aos outros. De um lado sai uma voz que grita «Gás!».

Em menos de dez segundos principiam os gritos e em seguida... o pânico.

Na realidade ninguém sofreu nem sequer um arranhão como consequência da explosão. Não houve dano algum, com excepção dos vidros das janelas, mas o medo do desconhecido tomou posse dos trabalhadores.

Dois encarregados que se acham

Continua na 2.ª página